

## DOMINGO

A RIA COMEÇOU a entrar lentamente no seu sono do mesmo modo que duas vozes se misturam: ao princípio era apenas a lagoa desalmada e imóvel da água, a língua saburrosa da areia, os pinheiros estilhaçados na névoa, os barcos raros e a cidade ao longe, imprecisa como os olhos dos cegos, mas depois os pássaros, as gaivotas e os patos e as aves sem nome do Vouga invadiram-lhe as pernas e os braços, devoraram-lhe as ameixas podres dos testículos, arranharam-lhe com as patas o interior da barriga, pousaram-lhe nos ombros, nos rins e nas costas, debicaram-lhe o sonho confuso em que se debatia (a mãe chocava um ovo enorme, com ele e as irmãs lá dentro, enquanto jogava as cartas com as amigas), e quando a primeira revoada lhe penetrou, gritando, na cabeça, acordou com sensações de naufragos na espuma dos ossos, e um gosto de limos na boca aberta por um grito sem som. Os lençóis da cama flutuavam devagar na direcção da varanda, algas dispersas dançavam na almofada, um peixe transparente escapou-se-lhe, a pestanejar as barbatanas, de entre as coxas, e sumiu-se na gaveta da cómoda, no meio das camisas e das cuecas. A Marília ressonava baixinho e a sua respiração de *hamster* comoveu-o, comoveram-no os dedos que sobravam

## EXPLICAÇÃO DOS PASSAROS

do cobertor e se aproximavam e afastavam de tempos a tempos em mornos espasmos vegetais: tantos anos a ver-te dormir, quando o comprimido deixava de fazer efeito e eu despertava, angustiado, no escuro, acendia a luz e o sossego da tua forma estendida ao meu lado me irritava como um azar injusto, tantos anos a odiar-te lentamente do fundo pedregoso da insónia, a pensar com júbilo na fragilidade do teu pescoço estreito, na tesoura da caixa de costura para te cortar os pulsos, em apertar-te a cara com a fronha tenaz do travesseiro.

— Não, nunca suspeitei que ela não gostasse dele — disse o pai, incrédulo, à procura dos charutos no bolso do colete. — Também, oiça lá, o que é que uma saloia daquelas poderia querer mais?

Eu acordava, acendia a luz aos apalhões (os candeeiros da Azedo Gneco, em baixo, sublinhavam de leve as persianas de uma doçura sem cor) e pensava Devem ser três, quatro da manhã porque é sempre a esta hora que regresso à tona de mim mesmo, à tona dos lençóis, com o choro dos meus filhos a ecoar-me nas orelhas, e a Tucha, feia, despenhada, ameaçadora, enorme, de gigantesco indicador erguido a apontar-me a rua Põe-te lá fora não te quero mais. A água gelada do frigorífico, cujo conteúdo se assemelhava, ao longe, ao de uma carteira de senhora, sabia a ferro, os pés descalços encaracolavam-se, arrepiados, nos azulejos da cozinha, um frio de suor descia-lhe nas costas, entre a pele e o pijama, o relógio eléctrico, por cima da porta, marcava duas e meia, e acabava por sentar-se no sofá da sala, sem fumar, sem ler, sem pensar em nada, a fitar, de olhos muito abertos, a sombra geométrica da estante. Decorridos tempos o médico arranhou-lhe umas pastilhas cuja acção se prolongava até às cinco ou seis horas e lhe estrangulavam os sonhos numa pasta confusa, de que não guardava na ideia senão uma lembrança de episódios fragmentários e sem nexos, e passou a não se levantar da cama, sentindo o dia crescer nos ruídos de vísceras do prédio, em cujas tripas rebolavam pratos, auto-clismos, talheres, o assobio rombo do elevador, as vozes agudas, que pareciam discutir constantemente, dos vizinhos. Como agora em Aveiro, pensou, no quarto da esta-

lagem saturado de humidade que a ria e as gaivotas submergiam, a escutar os passos dos ingleses idosos, movendo-se como escafandristas no corredor, enquanto o teu peito que subia e descia, afastando e aproximando as varetas de leque das costelas, parecia comandar a oscilação dos móveis, o suco do meu sangue e o movimento das paredes, numa ondulação de maré.

— Se não se acendem com fósforos de madeira garante-lhe que o sabor não é o mesmo — explicou o pai a exhibir o charuto com um sorriso de anúncio de revista: um cavalheiro ainda elegante, de têmporas grisalhas, bem vestido, instalado na sua poltrona de couro num ângulo confortável da biblioteca. Esticou as bochechas numa baforada, examinou a cinza numa careta grave: — Que fique bem claro que me mantive sempre o mais afastado possível dessa ligação.

— Andei a tomar coragem uma data de tempo para lhe falar abertamente, detesto situações equívocas — disse a mulher descuidada a sacudir a caspa do casaco com as costas da mão. — Não por falta de coragem, percebe, mas por causa da fragilidade dele. Até que aproveitei a sugestão de um fim-de-semana fora e decidi-me. Claro que o que aconteceu depois não teve nada a ver com isso, já ninguém morre por uma relação falhada.

A prima da clínica entrou a grunhir dentro de uma jaula, de bochechas cobertas de cerdas compridas de Pai Natal:

— A mulher de barbas, damas e cavalheiros, recém-chegada especialmente da Colômbia — berrou o médico indiano para a família imóvel nas bancadas —, irá rasgar para todos vosselências três listas telefónicas de uma só vez, graças à força impressionante dos seus músculos. Solicitamos ao respeitável público o obséquio de não se aproximar demasiado, devido à perigosidade natural do seu selvático temperamento.

O teu relógio, na mesa-de-cabeceira de fórmica, marcava seis e meia, os bandos de gaivotas giravam sem descanso na superfície da lagoa. Uma sombra informe cresceu, veio vindo, e precisou-se-me de repente na cabeça: Sepa-

armo-nos. A respiração da Marília abanava agora a mobília numa espécie de raiva, o tecto parecia prestes a desfazer-se nas nossas nuças em crostas poeirentas de estuque, vidros inlocalizáveis tilintavam, o ar da canalização suspirou e o som prolongou-se por muito tempo no silêncio, numa vibração de violoncelo: Separarmo-nos separarmo-nos separarmo-nos separarmo-nos, repetiam ironicamente os crocitos dos pássaros numa troça escarninha, um cão ladrava de fúria debaixo da janela (Separarmo-nos), os pinheiros cumprimentavam-se uns aos outros acenando os longos braços escuros em que a noite, acocorada, se escondia (Separarmo-nos), um hálito gelado soprava no vértice dos eucaliptos o seu segredo sem sentido: Separarmo-nos. O senhor Esperança, de sobranceiras pintadas, e enormes suspensórios vermelhos, ajustou o microfone enquanto o anão, por trás dele, de pé numa cadeira, experimentava o clarinete cujo som feminino ondeava, em espiral, ao seu redor, idêntico a uma voluta muito ténue de fumo:

— Nunca mais veio aos domingos para as damas, lemos mais tarde no jornal, por acaso, o que lhe aconteceu — disse ele numa voz de zinco de Juízo Final, distorcida pelos funis dos altifalantes. — Em sua memória interpretarei para a distinta plateia o conhecido *pasodoble Te Quiero España*.

— Que tolice — sorriu o pai num gesto de enfado que lhe fez cintilar o anel de curso do mínimo. — Que eu saiba ninguém da família alguma vez se matou por uma parvoíce dessas.

— Não me pareceu muito abalado quando falámos no assunto — disse a mulher descuidada a descer os degraus da Faculdade a caminho da paragem do autocarro, arrastando a pasta atrás de si como uma criança rabugenta. — Ficou quieto, calado, a olhar-me com a expressão vazia do costume. Aparentemente na mesma, sabe como é?

— Era um neurótico da quinta casa — informou o obstetra a guardar a bata no cacifo do hospital, e a retirar o colete, lá de dentro, de um cabide de arame. — E os neuróticos, entende, aguentam nas calmas os tremores de terra afectivos. Se se matou, e note que eu coloco o suicídio apenas como hipótese, se se matou, dizia eu, foi com certeza por outro motivo qualquer.

Agora estou inteiramente acordado — pensou ele — estendido numa cama desta horrorosa pousada idiota que o Vouga deixa a pouco e pouco a descoberto, excepto um leve tremor de água à tona dos espelhos e o perfil de uma gaivota nos estores, suspensa sobre a ria à laia de um grande pássaro sem peso, de cartão. Estou inteiramente acordado por dentro do ensurdecedor ruído do meu crânio, submerso no silêncio de gesso da manhã, e assemelho-me à caveira desenterrada de um bicho muito velho, com as órbitas cheias de nevoeiro, os dentes a badalarem, soltos, na ferradura das gengivas, e a tua antiquíssima presença ao meu lado, a ressonar como um crocodilo disforme nos lençóis. Seis e meia, seis e trinta e cinco, seis e quarenta e dois: uma claridade oblíqua, alaranjada, rompe a custo a bruma, e aproxima-se da margem num halo de miríades de partículas suspensas de bruma, no bojo da qual os pássaros se aparentam a navios sem leme, desgovernados, reduzidos ao contorno estreito dos ossos, radiografados, contra a lâmina opaca do céu. Apoiou as costas no espaldar da cama, passou os dedos no cabelo ralo, quase transparente, da testa, e cerrou as pálpebras: achava-se já na rua e a Tucha, lá em cima, fechava a porta, fazia uma festa distraída aos filhos, marcava o número de telefone (Finalmente vi-me livre dele, imagina) de uma amiga, e conversava aos risinhos e aos segredos, de pernas cruzadas nas almofadas do chão: Puta de merda, lixaste-me a vida. Tanto tempo a conseguir que me aceitasses namoro, tanto tempo a conseguir que te casasses comigo: Não sei, deixa-me pensar, é cedíssimo. As tuas irmãs mais novas troçavam de mim no corredor quando lá fui jantar pela primeira vez, o teu pai estendeu-me os dedos moles, distraídos, sem levantar o rabo da cadeira, a seguir o noticiário da televisão com a metade de baixo dos óculos:

— Está bom?

A mãe da Tucha mandou que servissem a sopa com um sinal imperceptível das pestanas: na parede, uma paisagem inglesa do século XIX exhibia, entre as cortinas das janelas, os seus verdes majestosos e pesados:

— Um bocado molengão para o meu gosto, sem nervo — disse ela com os tendões do pescoço salientes sob as

rugos da pele. — Não tinha raça, não tinha garra, está a entender, via-se logo que não se aguentava no balanço com a minha filha.

Uma das irmãs da Tucha, de sapatilhas, vestida com uma espécie de fato de banho cintilante, trepou para uma espécie de peanha amarela e branca e dobrou lentamente o corpo até tocar com a cabeça na cova dos joelhos:

— Os gordos são nojentos — articulou entre dentes, com dificuldade, através de um sorriso forçado. — A barriga do tipo dava-me sempre ganas de vomitar.

Marília, pensou ele, o que farei agora? Nunca logrei perceber exactamente a importância que tinhas para mim: achei-te sempre demasiado determinada, demasiado forte, demasiado capaz diante das minhas hesitações constantes, do meu receio, do meu pânico cómico de tudo, da perpétua dúvida sobre o E depois? de cada momento. Não era só o Marx, e o cinema americano, e o teatro de vanguarda, e as unhas rentes, e o mau gosto a vestir, e a camisola interior do pai à janela da casa, com os pêlos do peito a saírem dos mil furinhos do tecido: era a segurança na desordem, a tranquilidade doméstica na poeira dos móveis, a certeza de que estavas ali pelos grumos de caspa na escova do cabelo, a sensação de que me protegias das camisas mal lavadas pela mulher-a-dias, da falta de leite no frigorífico, das visitas ao psiquiatra, da solidão e da gripe, a esperança de que me defendesses da saudade da Tucha e dos miúdos, e do azedume constante, inquisitivo, da família, das perguntas, dos soslaios disfarçados, do espanto fingido, das caretas. Levantou-se para beber água porque o cuspo lhe amargava na boca, e distinguiu, do outro lado das cortinas, a paisagem, ancorada como um barco, do costume, os mesmos pinheiros, os mesmos eucaliptos, a mesma estrada quase sem trânsito, a mesma névoa pegajosa e fria.

— Desde que saiu cá de casa que nunca soube muito bem como era a vida dele — explicou a irmã da música que de vestido de noite, desajeitada e feia, fazia gestos de molinete com os braços e as mãos, sob o arame em que o professor de ginástica procedia, num equilíbrio difícil, a exer-

cícios complicados. — Uma boémia conformada, julgo eu, um quotidianozito apertado.

— Falta de massas, falta de massas — guinchou o obstetra da penumbra, a pincelar a cara do Carlos com um piaçaba de retrete cheio de espuma, enquanto segurava com a outra mão uma gigantesca navalha de madeira. — Há quem adore refastelar-se na pelintrice, não é?

— Os meus genros chamavam-me constantemente a atenção para a sua incapacidade de se gerir a si próprio, e mostravam-me a cada passo o perigo de lhe atribuir um lugar de relevo na firma — disse o pai a abanar a cabeça numa resignação melancólica, ao mesmo tempo que retirava um vaso de gerânios de papel do bolso do casaco numa presteza de ilusionista. — O facto é que era uma pessoa estranha com interesses esquisitos, com manias absurdas: Olhe, pouco antes de morrer, por exemplo, veio pedir-me que lhe explicasse os pássaros, como se os pássaros, não é, se pudessem explicar: nunca compreendi o que ele queria dizer com aquilo: os pássaros, oiça lá, você entende?

Ergueu-se numa explosão de aplausos (parte da família, de pé nos bancos de madeira, vitoriava-o entusiasticamente, as mãos entrechocavam-se num frenesim unânime, as bocas abriam-se e fechavam-se silabando o seu nome), e dirigiu-se ao quarto de banho acompanhado pelo cone de luz de um projecteur, com o fato de palhaço do pijama dançando comicamente à sua volta. As pálpebras maquilhadas de olheiras, o nariz avermelhado e a barba por fazer provocaram a hilaridade da assistência: um tio gordo, ao fundo, de goela escancarada, batia com as palmas nos joelhos, sufocado de riso. Ao espalhar o creme *Palmolive* nas bochechas, o foco mudou para lilás, a cara aparentou-se de súbito a uma hemorróida prestes a estalar, e uma gargalhada enorme rebentou na plateia, logo sublinhada pela orquestra num berreiro de trombones. Alheio, ridículo, desastrado, viu-se no espelho a limpar a cara com a toalha e pensou Há quantos anos, dia após dia, repito este número cretino? Porque é que me não despeço do circo ou o circo me não despede a mim?, pensou, enquanto a voz do pai furava os azulejos anunciando, num tom amortecido, o

artista seguinte, que o entusiasmo do público afogou de aplausos e de gritos.

— Assim — murmurava o velho brandindo o frasco das borboletas —, uma gota na cabeça basta. — E inclinava-se para verter, com uma pipeta, o seu pingo assassino nas narinas pálidas da mãe. — Repara — dizia ele — como demoram tão pouco tempo a morrer: um instantinho, um ou dois estremeções, já está. — Rodou as torneiras da banheira, sentou-se no rebordo, e deixou a água correr até ao ralo de cima, experimentando de quando em quando a temperatura com a ponta do dedo. Os metais, as louças e os vidros do compartimento minúsculo embaciavam-se lentamente, a lâmpada do tecto afastava-se, vertical, para muito longe de si, à deriva numa bruma de vapor, até se tornar numa lua longínqua, opalina e baça. Desabotoou o casaco do pijama e lá estava o seu arredondado corpo sem arestas, tombando em largas pregas fofas pelos ossos abaixo, a rosa hirsuta do púbis, os joelhos convergentes, estrábicos, a recriminarem-se, irados, um ao outro: o anão, de dragonas, dobrou-se solenemente numa vénia e apontou-me com a luva enorme:

— Senhoras e senhores, meninas e meninos, respeitável assistência, eis-nos prestes a alcançar o momento culminante do nosso espectáculo de hoje — urrou ele dando cambalhotas veementes ao redor da pista. — O Grande Circo Monumental Garibaldi oferece-vos ao vivo o número único, não televisionado, do suicídio do seu principal artista. A direcção recomenda aos cardíacos, às grávidas, aos deprimidos e às pessoas sensíveis em geral que abandonem a sala a fim de obviar a incidentes emocionais desagradáveis. Como podem verificar, o inolvidável Rui S. procede neste instante ao seu último banho.

Estendeu-se ao comprido, descansou a nuca no esmalte, fechou os olhos, e os membros, livres, flutuaram na água numa preguiça vagarosa de cabelos. Até a cabeça, entorpecida, pelo vapor e pela insónia, balouçava de leve, enquanto o pai, no escritório, colocava a mãe numa placa de cartão com qualquer coisa escrita (um nome em latim?) aos pés. Pensou Em que gaveta do armário a vai meter?, e principiou a ensaboar-se (o pescoço, os sovacos, a bar-

riga) com uma daquelas amostrinhas, embrulhadas em papel prateado e verde, de hotel, para afastar o sono. O pai dobrou-se quase até ao chão e introduziu a lâmina no armário destinado aos exemplares menos raros ou em pior estado, e de que surdia, por vezes, um odorzinho viscoso. O seu rosto surgiu, embaraçado, a desculpar-se:

— Ainda não tinha apurado a minha técnica, estraguei uma porção de bichos com líquidos inadequados: não imaginas como a azelhice nos sai cara.

Barbeou-se no banho a apalpar ao acaso o queixo e as bochechas, e ao sair da água, embrulhado na toga do lençol, com a testa calva coroada de cabelos molhados, idêntico aos senadores romanos do cinema, verificou que a companhia inteira, em fato de gala, exuberante de plumas e de capas de veludo, o observava, apinhada em silêncio junto à cortina dos artistas. A irmã da música, semioçulta pela silhueta quadrada, reluzente de músculos, do professor de ginástica, limpava as lágrimas com um lenço discreto: um risco de rímel descia-lhe na direcção da boca, os caracóis do penteado desfrisavam-se a pouco e pouco na sua habitual franja sem graça. O médico indiano, com uma agulha enorme a atravessar-lhe o peito magro de faquir, preenchia a certidão de óbito apoiando o papel num dos joelhos esqueléticos. A orquestra (três ou quatro primos de me-lenas fúnebres, instalados num estrado ao pé da pista) lançou-se, desafinadíssima, num tango cadavérico, e ele principiou a enxugar-se ao ritmo da bateria à medida que o seu tronco difuso reaparecia, de baixo para cima, no espelho, oxidado e pálido como um noivo de sereia: Com este ar moribundo só me falta o anzol na boca, pensou ele, só me falta ter sido pescado agora mesmo. Pensou Quando chegarmos a Lisboa agarras na mala e vais-te embora, ou ficas ainda uns dias pela Azedo Gneco, já distante, já alheada, já estrangeira, fitando as batatas coradas do jantar numa concentração apática? Atirarei as tuas fotografias para o lixo, guardá-las-ei na arca, andarei furioso, triste, resignado, ancorarei, como as miniaturas de barquitos dos marinheiros, no interior da garrafa de bagaço, espalharei um hálito mortal nos anfiteatros da Faculdade? Procurar-te-ia, Marília, tempos depois, para te pedir de

lágrimas nos olhos, suplicante como um cachorro desprezado, que voltasses? Desembarcaria do autocarro, desfeito de ansiedade, no bairro dos teus velhos, esperaria por ti encostado ao marco do correio, a atapetar o passeio de sôfregas pontas de cigarro? Ou derivaria para uma relação tempestuosa com uma aluna qualquer, caprichosa, sardónica, adolescente, arrastando-me todas as noites, pela trela das suas exigências sem réplica, para cervejarias fumarentas repletas de raparigas de cabelo sujo, chinelos e saias compridas às flores, acompanhadas de tipos de sacola, de génio indiscutível, que concorriam anualmente a prémios de poesia com cadernos de versos ferozmente estilhaçados? A irmã mais nova, de saiote e luvas brancas até ao cotovelo, pintadíssima, em equilíbrio numa bicicleta de uma roda só, desenhou no ar, de braços afastados, dois arabescos graciosos com os pulsos:

— Estamos cá todos, estamos cá todos — ronronou ela na sua vozinha amuada de boneca. — Não podíamos perder a morte dele, não é?

— Estraguei uma porção de bichos, não há que negá-lo — desculpou-se o pai, pregueado de rugas aborrecidas —, mas agora, em contrapartida, não falho um que seja. Quer ver?

Começou a abrir afanosamente as gavetas do armário, e eu distingui, cravadas com alfinetes nas pranchetas de cartão, as aves de infância, as que ao fim da tarde levantavam voo da figueira do poço na direcção da mata, de asas crucificadas e pupilas aquosas desmesuradamente abertas de terror.

— Vamos furar-lhes a barriga? — propôs o pai num riso cúmplice, a estender a manga para a faca de prata dos livros. — Se lhes rasgarmos a pança e virmos o que têm dentro, talvez consigas encontrar, percebes, essa célebre explicação dos pássaros.

Vestiu cuecas lavadas (o público aplaudiu a delicadeza da sua atenção), as meias e a camisa da véspera (que provocaram um ou outro assobio disperso, de desagrado, na plateia), as calças de bombazina (Quase nunca as ponho, pensou, porque raio é que me lembrei de as enfiar na mala?) e o blusão do uniforme comunista, e permaneceu alguns

momentos imóvel, no meio do quarto, a ver-te dormir e a pensar Porquê? Qualquer coisa de irremediável se tinha quebrado desde a véspera como um velho motor estafado que parou, e sentiu-se de repente muito abandonado e muito só na manhã de Aveiro, que ondulava ainda nos espelhos a sua sombra sem cor. Uma luz coada aclarava os móveis de viés, o teu poncho pendurado na cadeira como a pele solta de uma cobra, um calcanhar de fora dos lençóis, suspenso do vazio como o pé de um enforcado. Pensa A primeira vez que te vi nua foi no apartamento de uma amiga, em Algés, convidaste-me a ir lá para conversar melhor, em sossego, de Orson Welles, Nunca se realizou um filme como o *Citizen Kane*, repara por exemplo na sequência da velhice, eu preferia Fellini, Visconti, os italianos, o que tu classificavas, autoritária, de arte decadente. O apartamento era num quarto andar sem elevador com vista para a rua dos eléctricos e as suas casas velhas e sem graça, árvores magras, barracões em mau estado, ruídos metálicos de oficinas. Pensa Discutimos horas sentados em sofás forrados de uma espécie de plástico pérola, com péssimas reproduções de pintura nas paredes, cortininhas e tecto acastanhados de fumo, uma absoluta impessoalidade nos cinzeiros de metal e nos móveis esquemáticos, cada qual com um copo de capilé na mão, obstinadamente sérios, de pés pousados na manta de riscas a servir de tapete, que se dobrava e redobrava sob as solas. Havia livros de contabilidade numa prateleira baixa, revistas antigas, um porquinho-mealheiro de louça Recordação da Malveira, e de tempos a tempos as canalizações protestavam ruidosamente nas costas deles a sua turbulência de gases. No quarto de banho, a tina sujíssima, cercada por um reposteiro rasgado, e a retrete entupida, fedorenta, em que se amontoavam pensos de menstruação, pedaços de papel higiénico e espuma de urina, enjoaram-no, e preferiu lavar as mãos no bidé, fugindo ao lavatório cheio de cabelos aloirados e de lascas ressequidas de sabão. O próprio espelho se turvava de excrementos de moscas e de insectos esmagados à palmada, e os dois ou três frascos de perfume pousados num armariozito branco afiguraram-se-lhe bafiosos e cobertos de pó. Fizeram um amor desconfortável e

rápido no divã de um compartimento exíguo, cujas molas se lhes escapavam constantemente por debaixo do corpo, e a seguir, quando fumavam um cigarro deitados de barriga para cima, lançando a cinza no invólucro de plástico do maço, e respigando jornais brasileiros da pilha de papéis amarelados sob a cama, ouviram o ruído da chave na fechadura, taparam-se rapidamente com a colcha de chita, e quase logo a seguir, em vendaval, agarrada a uma pasta enorme, a amiga entrou rodopiando folhos, jogou a pasta para um canto, sentou-se no chão encostada a um móvel de portas de vidro no qual se amontoavam ao acaso *dossiers* e revistas, e principiou imediatamente a queixar-se, nervosíssima, dos seus alunos do liceu (Pertencia à classe de criaturas, pensou ele, que partem palitos aos bocadinhos nos restaurantes), a limpar os lentes dos óculos à ponta da camisa, e a retirar crostas de ovo da colcha, com a unha, num súbito, inesperado entusiasmo de limpeza.

— Estava aflitíssima, coitada, não sabia o que havia de fazer — recriminou-o depois a Marília, acusadora, no autocarro —, e tu, ainda por cima, com cara de mono, calado como uma tumba, não ajudaste nada.

Aos poucos, entre goles de capilé (Não consigo beber outra coisa, o que é que vocês querem?), por fragmentos de conversa, restos de diálogo, frases ocasionais, percebeu que a amiga ensinava Matemática na Amadora, vivera uns anos com um estudante brasileiro de Medicina, militava numa organização revolucionária, e não devia gostar muito de lavar-se: um suor de bode misturava-se com o deles numa trança de grossos odores desagradáveis e veementes, à medida que uma placa de sol trepava como uma lesma ao longo da parede, dividida em duas pela esquina do móvel. Quando a rapariga se levantou, com os cabelos claros e sem brilho pulando à volta do pescoço, apanhou a toda a pressa as cuecas do chão e vestiu-as, e, de gatas, começou a procurar as meias sob a cama.

— Devias ter-lhe agradecido ela emprestar-nos a casa — continuou a Marília, numa voz contida, depois de um silêncio furioso — em lugar de quase me arrastares nua para fora. — (A sua cara reflectia-se no vidro na tarde

moribunda: Duas Marílias danadas, pensou ele.) — Depois desta cena palavra que nunca mais lá volto.

Mas eu sentia-me desconfortável, húmido, humilhado, demasiado despido diante daquela mulher excessivamente loquaz, excessivamente à vontade, debitando sem interrupção nomes de pessoas que eu desconhecia, rindo-se contigo de episódios passados sem significado para mim, recordando um paleolítico comum que me excluía. E irritava-me a tua ausência de pudor diante dela, os ombros ao léu, o peito fora da colcha, o umbigo à vela, o início emaranhado dos pêlos. Puxei as calças para cima enquanto conversavam, abotoei a camisa, dei um nó à sorte nos atacadores dos sapatos, encostei-me ostensivamente à porta à tua espera, e tu, sem me veres, prosseguias interessadíssima o tumultuoso diálogo com a amiga, de seios a tremerem de entusiasmo e copo vazio de capilé na mão, esquecida já de mim, a combinar encontros, visitas a exposições, uma noite em casa de um antigo namorado pintor, saguão onde todas as cadeiras me sujaram os fundilhos de tinta e no qual uma velhota solitária, de guedelha pintada de roxo, levitando, inteiramente alheada, num ângulo da sala, cheirava coca através de uma nota de cem escudos:

— A minha mãe — apresentou o pintor, de cabelos pelos ombros e voz aflautada, girando, em passinhos leves de bailarino, a distribuir vinho branco por grupos de barbudos convictos e raparigas de fealdade irreversível, embrulhadas no lento fumo adocicado do haxixe.

— Não percebeste que ela ficou tão atrapalhada como nós e precisava de um bocado de conversa para descontraír? — perguntou a Marília, sempre reflectida no vidro, no mesmo tom pontiagudo e acusador: as fachadas deslizavam, líquidas, por detrás dela, prédios, lojas, esquinas, pessoas amontoadas numa venda de jornais. — Mas claro que como tu não chupas os meus amigos não entendeste raspas do que se passava.

Inclinou-se para a frente do banco do autocarro e viu-se também, enovoado, na janela, com os olhos substituídos por dois buracos escuros, e sombras móveis nas bochechas e no queixo. Encolheu e esticou disfarçadamente os dedos, e a imagem, prontamente, imitou-o: Não há que ter dúvidas,

pensou, sou eu. Sou eu e decerto com a mesma expressão apalermada de sonâmbulo com que vagueava no *atelier* do pintor, tropeçando em telas absurdas (um traço negro, dois traços negros, três traços negros, sempre os mesmos, em fundo branco, ou amarelo, ou verde), em pés tortos, de unhas crescidas, calçados de sandálias bíblicas, em sapatos de ténis, em botas de sola de pneu de reforma agrária intelectual, e, por fim, no corpo estendido da velha roxa, embaraçada de colares, que beijava arrebatadamente um garoto imberbe, de pulseira de pêlo de elefante no tornozelo, a reboarem ambos numa esteira marroquina. Se são estes os namorados que tiveste antes de mim devem ser estes os namorados que terás depois de mim, pensou ele, com a mão no puxador da porta, a observar o teu sono na manhã de Aveiro, cujo céu se desdobrava cada vez mais de nuvens como as varetas de um leque, aberto a partir da superfície horizontal da ria, na qual se espelhava a silhueta achatada da cidade, desenhada, ao de leve, no pano. Poetas de gengivas de escorbuto, vagos cineastas de opiniões definitivas, críticos de *jazz* ladrando-se com melíflua ferocidade às canelas uns dos outros, tipos imprecisos, de lenço indiano ao pescoço, procurando a botija de oxigénio de um cigarro salvador pelos bolsos vazios. E a noite de Lisboa lá em baixo, pensa, a cambalhada de latas dos homens da limpeza, as estrelas polares dos candeeiros a iluminarem, fixas, ovais azulados de parede, o néon de uma loja de televisores a perfurar as trevas junto a uma esquadra de polícia.

— Estamos cá todos, estamos cá todos — repetiu a irmã mais nova subindo, a pedalar sempre, uma rampa em espiral. — Menos a mãe, claro — acrescentou ela no seu murmúrio de boneca.

O pai continuava a exhibir-lhe gavetas e gavetas de pássaros crucificados, as pequenas aves da infância que boiavam, de barriga para o ar, no seu céu de cartolina etiquetada, encolhendo as patinhas contra os magros ventres transidos, e enquanto fechava devagar a porta para que a Marília o não ouvisse e descia para o rés-do-chão da estalagem, perseguido pelo cone do projector e pela música fúnebre da orquestra, relanceou os olhos pela mul-

tidão de caras familiares dos artistas que o observavam, amontoados perto da cortina, disfarçados pela maquilhagem, pelos narizes postiços, pelas perucas, pelas plumas, e, de facto, não conseguiu distinguir a mãe por entre aquele emaranhado confuso de primos, de conhecidos, de companheiros de colégio, de amigos de outrora encontrados, ocasionalmente, na rua, mais gordos, mais barrigudos, mais calvos, preocupados e sérios. Pensou Se calhar telefonaram vezes sem conta da clínica à minha procura, se calhar o velho interrompeu a meio uma viagem de negócios para regressar à pressa, contrariado, a Lisboa, chegar às Amoreiras a acamar o cabelo das têmporas, parlamentar com o médico, aos cochichos, no corredor, abrir e fechar as hastes dos óculos, acabar por se sentar, sozinho, numa das hirtas cadeiras de pregos da sala de espera, embaraçadíssimo, fitando com órbitas neutras de notário um magazine antiquíssimo.

— A Tucha vá que não vá — disse a voz da mãe, gigantesca, ao microfone, fazendo vibrar as vigas que sustentavam a lona. — Agora essa Marília, pelo amor de Deus, nem quero ouvir falar nela.

O caseiro moveu um tudo-nada as grossas mãos sensíveis como antenas, pousadas de leve na fazenda dos joelhos. As narinas rugosas farejavam delicadamente o ar:

— Vamos ter um bom ano, menino.

Vamos ter um bom ano, menino, pensa ele instalado à mesa do pequeno-almoço, a examinar com repugnância o habitual cestinho de verga do pão, os rolos de manteiga, os bules metálicos, os frutos de plástico numa taça de porcelana. Um fio anémico de água escorria de uma cascata incrustada na parede, tropeçando de concha em concha até desaparecer, sem glória, numa espécie de ralo de bidé. O empregado, de colete, dormitava amparado a uma cómoda repleta de copos e de pilhas de pratos, com um guardanapo no braço. Pelas janelas o mesmo dia de sempre dilatava-se do seu pus de chuva, e as gaivotas do costume bailavam, ao longe, numa mancha mais escura, cor de tinta de escrever, da lagoa. Um cuco rebolou desastradamente, a nadar na névoa, entre os pinheiros.

— A derradeira refeição do malogrado historiador — anunciou o anão com uma cambalhota sarcástica, perante os risos divertidos da plateia. O senhor Esperança, de nariz no tabuleiro, colocava as pedras para uma nova partida, e assim que retiravam alguma dela do jogo apressavam-se a substituir o botão de pijama:

— Qual de nós dois é que começa agora? — perguntou, indeciso, a coçar a cabeça. Num cartaz um homem jovem, com o qual possuía semelhanças remotas, sorria, de casaca, inclinando um dos ombros, com simpatia exagerada. Uma faixa oblíqua, num ângulo, anunciava a vermelho AMILCAR ESPERANÇA, A VOZ ROMÂNTICA DE MARVILA.

Pensa Porque é que não vejo a mãe a tomar o pequeno-almoço numa das mesas da sala vazia, com um livro aberto ao lado da chávena e uma torrada esquecida na mão, a centímetros da boca, aguardando um telefonema do estrangeiro que não chegaria nunca, esperando que o pai, subitamente jovial e terno, lhe propusesse Volto mais cedo de Itália, Fernanda, que tal um fim-de-semana à beira-mar? Bebeu um gole de café a olhar a água, as árvores e os arbustos cada vez mais ressequidos da margem, a humidade que colava à varanda o seu bafo ansioso de animal. O café fez-lhe arder a língua e deixou, por um momento, de sentir uma afta dolorosa da bochecha, que não conseguia deixar de chupar constantemente. O público, inclinado nas cadeiras, assistia da sombra numa atenção desmesurada, ele pensou, sem medo, sem alarme, Como será esta tarde ao chegar a Lisboa? Ajudo-te nas malas? Consinto que vás? Chamo um táxi pelo telefone e permanecemos na sala, calados e tensos, à espera do ruído do motor lá em baixo, da buzina reticente do automóvel? Despedimo-nos no vestibulo com um beijo recriminativo e amargo, a ferver de ódio? Torno para dentro, fecho a porta, e noto com melancolia que todo o pó da Azedo Gneco me pertence, todas as revistas, todos os livros inúteis, todo o lixo? Como se põe a funcionar a máquina de lavar roupa comprada em segunda mão no penhorista vesgo, coxeando na loja escura em que se acumulavam naufrágios de desgraças? Se a campainha tocar atendo, pergunto quem é, dobrado, como um



canivete, do patamar? A assistência aplaudiu as suas dúvidas domésticas enquanto ele limpava o queixo ao guardanapo, empurrava a cadeira para trás, se levantava. Nos vidros a neblina esfiava-se como um fato coçado, os barcos, virados ao contrário na nesga de areia perto da estalagem, adquiriam uma espécie desbotada de cores, como rostos que acordam de compridos desmaios. Estrias derretidas de sol vogavam sem direcção entre as nuvens, e o horizonte permanecia deserto, desabitado de aves e de cães.

— Que lhe explicasse os pássaros, imagine-se só a estupidez — disse o pai com um trejeito resignado. — Pedir-me a mim que armasse em biólogo sem mais nem menos, percebe, eu que sou um pobre homem de negócios.

Rogou pela mesa onde devia estar a mãe, a caminho da saída, e de passagem tirou uma faca grande, de serrilha, do aparador dos pratos e dos copos, enquanto o anão, subitamente iluminado por um violento foco lilás, vociferava:

— Senhoras e senhores, meninas e meninos, estimado público, façam a fineza de observar convenientemente a terrível arma do suicídio: não existe truque, não existe chicana, não existe aldrabice: trata-se, como verificam, de legítimo e autêntico aço inoxidável de fabrico português, o mesmo que conquistou Lisboa aos mouros, dilatou a Fé e o Império, torneou o globo, e actualmente empurra o arroz para o garfo, e o ajuda a extrair, com delicadeza incomparável, as espinhas da pescada no restaurante.

E num tom teatralmente interrogativo de final de episódio, destinado a estimular a curiosidade da assistência:

— Como irá o inventivo Rui S. utilizá-la?

Não eram borboletas, pensa, eram pintassilgos e verdilhões e pardais e melros e pintarroxos e poupas crucifigadas no papel, eram os pássaros da figueira, os pássaros do poço, os pássaros da mata que ele colecionava no armário do escritório, em dezenas e dezenas de gavetas numeradas, propondo-me num tom cúmplice, cochichado, que me entornava, apesar dos perfumes, apesar dos desodorizantes, apesar dos *sprays*, o seu bafo morno de velho no ouvido:

— Vamos rasgar-lhes a barriga para se perceber o que têm lá dentro?

— Cortar os pulsos, as carótidas, a garganta inteira, fazer *hara-kiri*? — perguntou estentoricamente o anão enquanto raparigas de diadema e saltos altos, com sorrisos congelados nos lábios vermelhos, percorriam a rebolar as nádegas o contorno da arena, transportando cartazes em que se lia CORTAR OS PULSOS, CORTAR AS CARÓTIDAS, CORTAR A GARGANTA INTEIRA, FAZER HARA-KIRI. — A gerência, damas e cavalheiros — berrou o anão com ar solene —, desejava de obsequiar os seus selectos espectadores, distribuirá envelopes-mistério recheados de valiosas prendas aos que acertarem no método de suicídio escolhido pelo desventurado professor de História, graças a gentil colaboração dos Preservativos Donald, *Donald* o inimigo número um do crescimento demográfico, das Meias de Senhora Penélope, Penelopelize-se e sinta a diferença no olhar terno do seu marido, e do Ginásio Mão de Ferro, a Chelas, com sucursais em Tavira e na Póvoa do Varzim, porque Mão de Ferro, em menos de um ano, fará de si, na praia, a inveja dos homens e o alvo apaixonado do sexo oposto.

Guardou a faca no blusão sem que o empregado, de olhos fechados, o notasse, e abandonou a sala de jantar a caminho da rua. Sentia o corpo tenso, as costas suavam, a camisa pegava-se às omoplatas, uma criatura idosa, num camarote, apressou-se a tapar a cara com os dedos. E lá estava a recepção da estalagem, pensa, a prateleira das chaves, os postais ilustrados na armação, em cone, de arame, o telefone, os desdobráveis VISITE AVEIRO, o grande cinzeiro redondo, de louça ocre, com as iniciais da pousada, a funcionária antipática, de óculos presos por uma correntezinha ao pescoço, a preencher em letra difícil uma espécie de mapa de papel quadriculado. Pensa Lá estavam as plantas no lago sob a escada de caracol, e o verde-escuro, quase obscuro, das folhas, lustrosas de um lado e baças do outro, as gavinhas semelhantes a tentáculos gelatinosos, as pedras de musgo, as rãs de louça: uma vez consegui arrastar a Tucha à Estufa Fria depois de horas de poderosos argumentos botânicos (Parece impossível que nunca tenhas lá ido, há fetos lindíssimos desenhados pela Chanel e importados directamente de Paris, viste com cer-

teza as fotografias deles na *Vogue*), sentámo-nos num banco de ripas, a coberto de um arbusto repugnante e malcheiroso, e preparava-me para te tocar os seios, te apalpar as coxas, te beijar, quando, de repente, depois de ter passado por nós uma excursão de colégio, pilotada por uma professora de pernas razoáveis que dois tipos de bigode e lentes fumadas seguiam, de beata na boca, a resmungar madrigais, o que se me afigurava um eucalipto miniatura se transformou num guarda fardado, baixinho e nédio, que avançou para nós num turbilhão de ódio:

— Que pouca-vergonha vem a ser esta? — regoujou ele.

A Tucha, pálida, alisava a saia, compunha a blusa, dava um jeito ao acaso aos cabelos com a mão desgovernada, e eu encolhia-me contra as ripas, engasgado de medo, abrindo e fechando a boca sem bochechas, sem gengivas, sem dentes, sem língua, reduzida a uma inútil caverna de pavor. O guarda, à nossa frente, rodopiava de fúria, um novo grupo de crianças despontava na curva de uma álea.

— E tire daí a pata, sua besta — ordenou-me o sujeito, escarlate —, vamos lá a respeitar a autoridadezinha antes que eu o obrigue a respeitá-la a pontapé.

Esquecera-me completamente do polegar pecaminoso na raiz das tuas ancas, friccionando-te devagar o púbis para baixo e para cima, esquecera-me completamente do joelho encostado ao teu joelho, das barrigas das pernas comprimidas uma de encontro à outra, das cabeças apatetadas demasiado próximas. Transpirava de pânico e no entanto o homem era mais baixo do que eu, mais fraco, muito mais velho, fácil de intimidar com a ameaça de uma bofetada ou o fantasma onnipotente do pai. Pensa Foi nesse momento, Tucha, diante da minha cobardia, da minha incapacidade de lutar, que principiaste a desprezar-me? Afastou-se para a outra extremidade do banco, intimidado, um ramo qualquer roçou-lhe na orelha, e o ventre do guarda aproximou-se-lhe do nariz, coberto de grossos botões prateados, redondo, minúsculo, tenro, vulnerável: Mas nem mesmo assim fui capaz, pensa, continuei a diminuir, a empalidecer, a sentir o sangue rápido e desigual nas têmperas, à medida que o tipo se dava conta do meu receio e crescia de importância e de coragem:

— E agora, seus safados? Que tal uma multazinha, que tal uma estada no Governo Civil para vos curar dos ataques de tesão em público?

Pensa Uma calva cabeça pequenina, uns olhinhos minúsculos e estúpidos, o pau de fósforo no canto torcido da boca a dançar ao ritmo das palavras, o nariz que fungava, radiante de importância, inchado como um pénis doente. Os beigos recommegaram desdenhosamente a mover-se numa aplicação cuspinhenta:

— Três dias de cama curam a tesãozinha num instante.

A Tucha abriu a carteira, procurava o lenço lá dentro, enxugava os olhos. Pensa Quantos anos teríamos? Vinte e dois, vinte e três? Contemplou uns minutos as plantas do átrio, moles como mucosas, desagradavelmente carnívoras, e encostou-se ao cipreste de arame dos postais ilustrados até a funcionária antipática, de óculos de corrente, acabar o seu mapa e atentar nele, com uma prega de desagrado na testa. O guarda introduziu os dedos no cinturão e balouçou ligeiramente o corpo esférico, sem músculos. Um bico de lápis despontava da algibeira.

— Os bilhetezinhos de identidade — pediu ele num sussurro oleoso de ameaças. — Os bilhetezinhos de identidade e os cartões profissionais.

— Queria que me tirasse a conta, se faz favor — disse eu amavelmente. — Voltamos hoje para Lisboa.

Não havia nenhum automóvel à porta salvo o nosso, poisado no cascalho, de grelha encostada a um canteiro de gerânios como se os pastasse, como se fosse um enorme mamífero de metal com os faróis das órbitas apagados e opacos, sonâmbulos, e a seguir a areia, a manhã nevoenta e pegajosa, os ombros das árvores adejando no silêncio, o céu e a ria reflectindo-se mutuamente como dois espelhos paralelos. O guarda, que movia as orelhas a ler, recuou um passo, indeciso: o tom da voz tornara-se-lhe aflitivamente respeitoso:

— Este papel aqui quer dizer que você é doutor? — perguntou ele a empurrar o boné para a nuca, enrodilhado de timidez.

— O infausto jovem — soluçou pomposamente o anão a designar-me com o indicador bombástico à família nas

bancadas — vai abandonar a estalagem para o seu último e derradeiro passeio. Estamos prestes a chegar, senhoras e senhores, ao ponto mais alto, ao vértice, ao acme, ao cume, ao paroxismo do nosso inolvidável espectáculo. Maestro, o *Bolero* de Ravel.

Os quatro ou cinco sujeitos tristes da orquestra mudaram de ritmo, comandados por um individuo magrinho, de gravata e cabelos postiços, que os dirigia de vassoura em riste em grandes gestos veementes que lhe arregaçavam as mangas demasiado curtas e exibiam as luvas brancas, de dedos compridíssimos, e lá ao longe, sobre a água, oscilando de leve, os patos e as gaivotas do Vouga, imemorialmente imóveis, à espera de quê? A funcionária da recepção considerou-o sem amenidade, remexendo, sem os olhar, uma pilha de rectângulos de papel repletos de números minúsculos:

— O quarto tem de ser abandonado até ao meio-dia em ponto — informou ela no seu timbre ácido.

Que mulher tão ressequida, pensa, que corpo tão ressequido, que ressequido cagalhão esquelético, rancoroso. Pensa A azia que ela não deve ter, como as tripas, carbonizadas, se lhe devem agitar lá dentro num tumulto sulfúrico. Os membros da orquestra usavam narizes de várias cores, bochechas enfarinhadas, chapéus de coco, camisolas às riscas e grossas sobranceiras de carvão.

— É doutor, pois — disse a Tucha —, ensina na Universidade. — É a sua voz, baça de corrosivo ódio, parecia amolecer o guarda, esvaziá-lo da autoridade dos seus berros, diminuir-lhe a agressiva importância da farda, torná-lo num ser insignificante e provinciano, submisso, pronto a embrulhar-se em desculpas. Foi então que decidi casar contigo, pensa, foi então que pela primeira vez te admirei: os olhos enormes, a boca desdenhosa, o amargo pânico engolido à força a converter-se numa tonalidade sem réplica de patroa. Pensa O teu modo de falar com as mulheres-a-dias, os canalizadores, as empregadas de supermercado, as costureiras, a superioridade, para ti óbvia, sem réplica, do nascimento, a tosse do avô visconde na tua garganta, o snobismo arrastado, imperativo, da mãe dando ordens aos

filhos por cima do tabuleiro de gamão. Pensa Foi então que decidi casar contigo para que me protegesses dos outros, impedisses os guardas das estufas de me acenarem com o Governo Civil, para que resolvesse por mim, por parvo que te pareça, o que eu não era capaz. O anão, efusivo, tornou a aproximar-se do microfone:

— Mais uma nota simpática, damas e cavalheiros — anunciou ele triunfalmente, enquanto a orquestra se calava num rufo de tambor. — Os nossos envelopes-mistério, destinados a premiar os que acertarem na forma de suicídio, corte dos pulsos, das carótidas, da garganta, *hara-kiiri*, perfuração dos pulmões, certo golpe cardíaco, foram agora mesmo enriquecidos graças a um generoso donativo da Pomada Ejaculal, que aumentará facilmente o comprimento do seu pénis em três centímetros e meio. Sofre vosse-lência de problemas de tamanho, intimida-se de urinar nos mictórios públicos, queixa-se a sua esposa de insatisfação sexual, tantas vezes geradora de um mau entendimento entre os casais, quando não de tormentosas separações e dolorosos divórcios, angustia-o, em suma, o comprimento do seu órgão viril? Aplique *Ejaculal* de manhã e à noite e obterá rapidamente a majestosa dimensão que ambiciona. *Ejaculal*, o creme que veio colocar os portugueses, de acordo com as derradeiras estatísticas do Instituto Estadual de Prazer do Arizona Phillips, Phillips & Phillips, no lugar cimeiro do mundo não socialista no que se refere à capacidade erétil e ao volume dos corpos cavernosos. *Ejaculal*, o único medicamento do género que não provoca erupção, eczema, disformidade ou dor. E após esta agradável notícia de novo o *Bolero* de Ravel. Maestro, se faz favor.

O sujeito de casaca e cabeleira de estopa levantou a vassoura, o tipo de acordeão acenou com o queixo ao clarinete e à guitarra eléctrica, a música recomeçou, fúnebre, ganhando força a cada compasso, a mulher antipática da recepção voltou-lhe ostensivamente as costas, desinteressada dele, para examinar um *dossier*, hesitei um segundo, desconcertado, empurrei com o joelho a porta de vidro que rodou sem rumor, opondo-me a leve resistência oleada dos gonzos, e saí para o frio da manhã, bafiento de humidade suspensa e opressiva, como se milhares de partículas trans-